

Acadêmico acredita que país resolveu problemas principais

■ Criação de empresas e novos mercados indicam crescimento

ANA CECÍLIA AMERICANO

SÃO PAULO — Pelos antigos critérios de cálculo do PIB usados pelo FMI, o Brasil de hoje é tão rico (US\$ 450 bilhões anuais) quanto os Estados Unidos na década de 20. Uma realidade que enche de otimismo o professor da Universidade de São Paulo e organizador da edição *Melhores e Maiores*, da revista *Exame*, Stephen Kanitz. Segundo ele, os problemas que levaram o país a mais de uma década de recessão estão praticamente resolvidos e daqui para a frente a vocação do Brasil é crescer.

“A dívida externa brasileira, por exemplo, já foi corroída em quase 40% de 1981 para cá, com a inflação norte-americana, de cerca de 4% ao ano”, avalia o professor em suas palestras a gerentes de vendas por todo o Brasil. Aliás, a inflação norte-americana teria sido o mesmo fator que *afundou* o Brasil na crise. “Em 1981, a inflação nos Estados Unidos chegou a 15%, corroendo o patrimônio dos bancos em igual proporção, devido à inexistência de um sistema de correção monetária naquele país”, lembra ele. “E como os bancos internacionais são limitados a emprestar até 12 vezes o seu patrimônio, naquela ocasião, por um problema deles, sustaram os empréstimos ao Brasil



Arquivo

Kanitz: interior já atrai os jovens

de uma só vez, causando-nos enormes desequilíbrios”, argumenta.

Resolvida a dívida externa, avalia o titular da cadeira de contabilidade na USP, o Brasil demonstra sintomas e indicadores extremamente promissores para uma retomada da economia em novas bases. Entre elas, as formas encontradas pela classe média de fazer frente ao desemprego. “Onde está hoje aquele engenheiro formado pelo ITA que foi demitido de uma Philips?”, pergunta-se. “Ele retirou o seu Fundo de Garantia e criou o seu próprio emprego”, responde. Apesar das profundas mudanças estruturais nas organizações, liberando técnicos de vários níveis no mercado de trabalho, não houve a temida

“revolução social”, lembra o contador. “Este segmento se acomodou em novos setores da economia.”

Migração — Outro sinal positivo apontado pelo professor é a inversão do fluxo migratório — que dominou o cenário brasileiro em 400 anos de sua história — dos jovens com formação universitária. “Antigamente o jovem empreendedor saía de Limeira (SP) e ia tentar a sorte na capital. Privava sua cidade natal de sua formação e ajudava a concentrar renda na metrópole. Hoje, é o jovem de São Paulo que segue para construir em Limeira o seu negócio”, lembra. E cita o caso das franquias, como um indicador da tendência: nos últimos cinco anos foram criadas 13 mil franquias no interior.

Para Kanitz, há um grande mercado para aquelas empresas que se dedicarem a desenvolver produtos a preços competitivos para servir não aos 10% mais ricos da população, mas aos 10%, 20%, 30% mais ricos em seguida na pirâmide social. “Veja uma Lacta. Ela cresceu 8% ao ano nos últimos 20 anos desenvolvendo produtos para quem não podia consumir um chocolate Nestlé. Já uma Gradiente, que só pensou em fazer produtos cada vez mais sofisticados, que ninguém sabe manejar, está encolhendo.”